

REPRODUÇÃO/VÍDEO



Cristovam se arrepende de ter votado contra Dilma

Cristovam sobre impeachment de Dilma: “Foi uma pisada na bola”

Desde 2019, quando deixou o Senado, Cristovam Buarque não tem um cargo eletivo. Em 2018, pelo Cidadania, ele tentou se eleger senador, mas perdeu. As duas vagas ficaram para Leila do Vôlei (PDT) e Izalci Lucas (à época no PSDB, hoje no PL). A derrota em 2018 era um sinal. Cristovam tinha perdido suas bases originais de esquerda. As bases conservadoras também desconfiavam dele. Tentava se mostrar como um político independente, mas o espaço para isso num país polarizado é cada vez menor. Toda essa trajetória de Cristovam está diretamente relacionada ao seu comportamento de afastamento do PT, do qual foi filiado, especialmente no governo Dilma Rousseff. Cristovam votou a favor do impeachment de Dilma, e a esquerda do DF não parece perdoá-lo por isso. Dez anos depois do impeachment, Cristovam comete um sincericídio em entrevista exclusiva ao Correio Político.

“Me afastei de todas as bases”

“Foi uma pisada na bola”, confessou Cristovam sobre seu voto a favor do impeachment de Dilma Rousseff. “Hoje, eu não faria isso”, continua. “Me afastei de todas as bases que eu tinha. Eu perdi eleitores. Eu perdi leitores”. Cristovam é escritor e colunista. “Muita gente me escreveu dizendo: ‘Jamais volto a ler uma linha do que você escreve!’” O ex-senador diz que suas netas, de cinco e nove anos, chegaram a ser perseguidas. Filiado agora ao PSB, Cristovam, aos 82 anos, é candidato a deputado federal.

MARCOS OLIVEIRA/AGÊNCIA SENADO



Outros aliados de hoje também votaram pelo impeachment

De volta ao caminho

Cristovam busca reconquistar o antigo caminho. Diga-se que, após o impeachment, ele ainda senador deu votos favoráveis a projetos do governo Michel Temer, que sucedeu Dilma, que sua antiga base de esquerda também consideraria controversos, como a reforma trabalhista. Após a eleição de Jair Bolsonaro, o ex-senador tenta fazer o caminho de volta. No Cidadania, tentou levar o partido ao apoio da reeleição de Lula. Esbarrou na brighalhada ali com Roberto Freire. Migrou para o PSB.

Como será reação

Ex-senador, ex-governador do DF e ex-ministro da Educação, Cristovam parece curioso quanto a como agora a esquerda brasiliense e o eleitorado de modo geral irá considerá-lo. É o que pareceu revelar ao Correio Político diante de reações ainda agressivas a ele no campo petista. Ele busca se socorrer no “perdão” que parece ter sido dado a outros aliados de Lula que votaram pelo impeachment de Dilma Rousseff.

E os outros?

“Será que dizem isso de Alckmin, Simone Tebet, Marina, Renan?”, provoca Cristovam Buarque. O hoje vice-presidente de Lula, Geraldo Alckmin, era à época governador de São Paulo pelo PSDB. E apoiou o afastamento da então presidente. Marina Silva recomendou que a Rede também votasse a favor do impeachment.

Lula

Então senadores como Cristovam, Simone Tebet (à época no MDB) e Renan Calheiros (MDB) também votaram “sim” no julgamento de Dilma. É possível que o alvo maior em Cristovam esteja relacionado à sua complicada relação com Lula durante o tempo em que foi ministro da Educação, razão talvez do início do seu afastamento do PT.

Pelo telefone

Cristovam foi demitido do Ministério da Educação pelo telefone. Estava em Portugal, onde participaria de um seminário. Estava sentado numa mesa do famoso Café A Brasileira, dando uma entrevista a uma jornalista portuguesa, quando tocou o seu celular. “Cristovam, vou precisar do seu cargo”, dizia do outro lado da linha o presidente Lula.

“São giros”

Quando desligou o celular, Cristovam deu um sorriso constrangido e disse à jornalista: “Acabei de ser demitido”. Ela achou que era uma piada. “São giros esses brasileiros”, comentou ela. Giro é uma gíria portuguesa usada para designar alguém que seja engraçado. Cristovam não estava sendo “giro”. Ele tinha sido realmente demitido.

“Progressista”

A partir de então, iniciou-se seu afastamento de Lula, do PT e dos petistas do Distrito Federal. Mas Cristovam avalia que o PT e a esquerda de um modo geral não têm o que dizer sobre suas “posições progressistas”. Ele faz uma ressalva às questões fiscais. “Eu sou muito conservador quando à necessidade de responsabilidade fiscal”.

As urnas dirão

Mas ele considera que pontos do seu governo no DF são base das atuais políticas de Lula. O principal a Bolsa-Escola, base da atual Bolsa-Família. Presente na quarta-feira (29) à convenção do PSB que formalizou o apoio a Lula, com Alckmin de vice, Cristovam coloca-se ao escrutínio da esquerda do DF. As urnas dirão se tomará o caminho de volta.

GUSTAVO MORENO/STF



André Mendonça autorizou investigação da PF contra Lulinha

Decisões de André Mendonça vão no cravo e na ferradura

Ministro do STF tenta se descolar do rótulo de ligado a Jair Bolsonaro

Por **Beatriz Matos**

Primeiro, o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) André Mendonça autorizou a abertura de um inquérito para investigar repasses ao filme Dark Horse, ligado ao entorno do bolsonarismo. Agora, deu aval a uma nova investigação contra Fábio Luís Lula da Silva, o Lulinha, em um desdobramento do caso das fraudes no INSS.

As decisões em campos políticos opostos reacenderam a velha expressão “uma no cravo e outra na ferradura” e colocaram o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) no centro de um debate sobre o perfil de sua atuação e alimenta avaliações de que vem buscando reafirmar uma postura de independência dentro da Corte, apesar de ter sido indicado ao cargo pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

A mais recente determinação atende a um pedido da Polícia Federal (PF) para apurar suspeitas de tráfico de influência envolvendo Lulinha em possíveis contratos com a Dataprev.

A investigação é um desdobramento do caso das fraudes no INSS e se soma ao inquérito já aberto para investigar a suposta atuação

do filho do presidente em negociações para fornecimento de medicamentos à base de cannabis ao Ministério da Saúde. Pouco antes, Mendonça também havia autorizado a abertura do inquérito que apura repasses para a produção do filme Dark Horse, depois do vazamento das conversas que mostraram o candidato do PL à Presidência, Flavio Bolsonaro, pedindo dinheiro para o filme ao banqueiro Daniel Vercaro, dono do Banco Master.

Para o professor de Direito Eleitoral Alberto Rollo, ainda é cedo para concluir que André Mendonça tenha consolidado uma linha de atuação marcada pelo equilíbrio entre decisões que atingem diferentes grupos políticos. Na avaliação dele, o tempo de atuação do ministro no Supremo ainda é curto para que esse perfil possa ser definido com segurança.

Ao analisar os casos mais recentes, no entanto, Allberto Rollo avalia que as decisões contribuem para reforçar uma imagem de independência institucional. “Neste momento, no caso do Lulinha e no caso do Dark Horse, ele está mostrando imparcialidade. Está mostrando que age de acordo com a Constituição e com a lei.”